

# Louis Braille



**Emprego**

**Procura de Emprego** **09**  
Onde? Como?

**05** Internacional | Entrevista ao Presidente da União Mundial de Cegos

**07** Tecnologia | Facebook aproxima-se da acessibilidade

**11** Educação | Aprender Música

**14** Direitos | Transportes Públicos

## ➤ Editorial

Por Elaine Pires

Coordenação Revista LOUIS BRAILLE  
Direção Nacional da ACAPO

No passado mês de outubro a ACAPO completou o seu 25.º aniversário. Razão mais do que suficiente para produzirmos uma edição especial. Demorou mais do que esperávamos e não conseguimos cumprir a periodicidade trimestral que temos vindo a seguir desde a primeira edição, em 2011. Porém, o produto final e as reações que recebemos fazem-nos ter a certeza que o perfeccionismo, rigor e esforço valeram a pena.

Queremos agora, em maio de 2015, regressar às “regras” que anteriormente impusemos. Primeiro, em termos de periodicidade. Pretendemos que de três em três meses volte a “encontrar-nos” na sua caixa de e-mail. Em segundo, no que diz respeito ao estilo. Assumimo-nos como uma Revista especializada na área da deficiência visual e queremos que os seus conteúdos cubram áreas diversas como o emprego, educação, acessibilidades, tecnologia, cooperação.

Nesta edição, a número 13, damos destaque de capa ao artigo de Patrícia Fernandes Soares sobre o (des)emprego das pessoas com deficiência visual, no qual encontrará dicas bastante práticas e úteis a quem procura um primeiro trabalho ou progredir na carreira.

Na área da educação, aprofundamos um tema cada vez

mais falado: o ensino da música a pessoas com deficiência visual. Acreditamos que este é um tema que está a voltar a ser discutido muito devido ao projeto “Ver pela Arte”, do qual a ACAPO faz parte. É proposta do projeto construir um programa acessível a pessoas com deficiência visual e que venha no futuro a ser aplicado por qualquer escola de música do país.

Na área da tecnologia, o programador Rui Batista falamos na rede social Facebook e, uma vez mais, nele pode encontrar conselhos muito úteis caso seja utilizador desta plataforma através de tecnologias de apoio.

Aproveitando também uma ida da ACAPO à Noruega, Ana Sofia Antunes entrevistou Arnt Holte, presidente da União Mundial de Cegos. A apenas um ano do fim do mandato, quisemos saber que projetos estão a contribuir para uma maior inclusão das pessoas com deficiência visual na sociedade.

A fechar, a jurista da Direção Nacional da ACAPO procura simplificar o Decreto-lei 9/2015, de 15 de janeiro, que vem estabelecer novos direitos aos passageiros com mobilidade reduzida de transporte rodoviário.

Fica agora a promessa de nos voltarmos a encontrar neste mesmo espaço no final de julho. Até lá, ficamos a aguardar pelas vossas opiniões e sugestões para o e-mail [louisbraille@acapo.pt](mailto:louisbraille@acapo.pt).

## ➤ Ficha Técnica

**EDIÇÃO E SEDE ACAPO**, Avenida D. Carlos I, n.º 126 9º andar 1200-651 Lisboa **CONTACTO GERAL** Telefone: 213244500 Fax: 213244501 E-mail: [louisbraille@acapo.pt](mailto:louisbraille@acapo.pt) **DIRETOR** Ana Sofia Antunes ([sofiaantunes@acapo.pt](mailto:sofiaantunes@acapo.pt)) **COORDENAÇÃO** Elaine Pires ([elainepires@acapo.pt](mailto:elainepires@acapo.pt)) **REDAÇÃO** Cláudia Vargas Candeias ([claudiavargas@acapo.pt](mailto:claudiavargas@acapo.pt)), Elaine Pires **REVISÃO** Susana Venâncio ([susanavenancio@acapo.pt](mailto:susanavenancio@acapo.pt)) **LAYOUT** Think High **PAGINAÇÃO** Think High **PERIODICIDADE** Trimestral **ISSN** n.º2182/4606

@ Louis Braille – Revista especializada para a área da deficiência visual 2015. Todos os direitos reservados. Todo o conteúdo desta Revista não pode ser replicado, copiado ou distribuído sem autorização prévia. Os artigos de opinião publicados na Revista são da inteira responsabilidade dos seus autores. Se pretende deixar de receber a nossa Revista, envie-nos um e-mail por favor para o endereço [louisbraille@acapo.pt](mailto:louisbraille@acapo.pt).

Os conteúdos desta Revista foram escritos segundo as regras do novo acordo ortográfico.

## ➤ Breves

### TECNOLOGIA

#### Ferramenta verifica acessibilidade das aplicações móveis

Quem usa as aplicações móveis com recurso a um leitor de ecrã reconhecerá certamente as vantagens da nova ferramenta da IBM, quem programa mais ainda. A IBM, empresa do ramo informático, desenvolveu o Mobile Accessibility Checker, uma ferramenta gratuita de testes que irá permitir aos programadores conhecer o grau de acessibilidade das suas aplicações a pessoas com deficiência visual ou auditiva.

O Mobile Accessibility Checker está disponível para as aplicações móveis em iOS e Android.

#### Saber mais:

IBM Portugal

<http://www.ibm.com/ibm/pt/pt/>

### PINTURA

#### Programa “Sentido Van Gogh” para incluir turistas com deficiência visual

Grças a um programa especial do Museu Van Gogh, em Amesterdão, os visitantes com deficiência visual podem agora encontrar-se de uma forma plena com o trabalho do artista. No âmbito deste programa, quatro vezes por ano, os guias do Museu explicam aos visitantes a história das obras em exibição e a sua relação com a vida do artista. Os visitantes têm ainda a possibilidade de participar num *workshop* e tocar nas reproduções em 3D das pinturas em exibição.

#### Saber mais:

Museu Van Gogh

<http://www.vangoghmuseum.nl/>

### CINEMA

#### Brasil recebe primeiro Festival de Cinema Acessível

Durante os meses de maio e junho, Porto Alegre (Brasil) recebe o primeiro festival de cinema do país, no qual pessoas com e sem deficiência poderão, juntas, assistir a clássicos do cinema nacional. “As pessoas com deficiência ainda são pouco lembradas enquanto público-alvo das obras filmicas. Queremos romper com essa ideia e mostrar que o cinema é um lugar para todos”, afirma o criador do projeto, Sidnei Schames. A organização procura agora patrocinadores que permitam um alargamento do festival.

#### Saber mais:

Festival de Cinema Acessível

[FestivaldeCinemaAcessivel/facebook](https://www.facebook.com/FestivaldeCinemaAcessivel/)

### CONFERÊNCIA

#### Lisboa debate emprego apoiado

A Associação Portuguesa de Emprego Apoiado é a anfitriã da 12.ª conferência europeia de emprego apoiado, que terá lugar nos dias 27, 28 e 29 de maio de 2015, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. A conferência, subordinada ao tema “Improving Diversity through Supported Employment” [Melhorar a Diversidade através do Emprego Apoiado] será uma oportunidade para partilhar práticas relevantes de emprego apoiado na Europa. A conferência será assim uma



mostra das muitas práticas e iniciativas que procuram promover a igualdade, cidadania, inclusão, autorrepresentação e direitos humanos.

**Saber mais:**

12.ª EUSE Conference  
<http://euselisbon2015.com>

**PRÉMIO**

**Distinguir trabalho no setor social**

Estão abertas, até 30 de junho, as candidaturas ao Prémio Cooperação António Sérgio, uma iniciativa da Cooperativa António Sérgio para a Economia Social. O prémio visa homenagear pessoas singulares e coletivas que mais se tenham distinguido no setor da Economia Social nas categorias Inovação e Sustentabilidade, Estudos e Investigação, Formação pós-graduada e Trabalhos Escolares. O Prémio consiste na atribuição do valor de 3000€ para cada uma destas categorias.

**SABER MAIS:**

Cooperativa António Sérgio para a Economia Social  
[www.cases.pt](http://www.cases.pt)

**LIVRO**

**Tecnologias de apoio para pessoas com deficiência**

A Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) editou o livro “Tecnologias de apoio para pessoas com deficiência”. O livro, da autoria dos engenheiros Ana Rita Londral, Luís Azevedo e Pedro Encarnação, aborda o tema das tecnologias de apoio, enquanto ferramentas fundamentais na qualidade de vida das pessoas com deficiência. O livro destina-se a todos os profissionais da área da Reabilitação e do Ensino Especial, utilizadores finais e, em geral, a todos os interessados em tecnologias de apoio.

**SABER MAIS:**

Unidade Acesso  
[www.acessibilidade.gov.pt](http://www.acessibilidade.gov.pt)

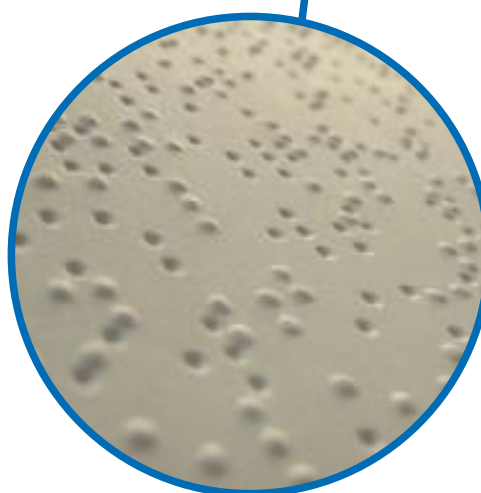
**DIREITOS**

**Banco do Brasil obrigado a imprimir contratos e extratos em Braille**

O Banco do Brasil foi condenado pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ) a pagar uma indemnização de R\$ 50 000 (cerca de 15 mil euros) por danos morais coletivos causados pelo não fornecimento de documentos em Braille a clientes com deficiência visual. Esta decisão obriga o banco a disponibilizar estes documentos no prazo de 60 dias, sob pena de uma multa diária de R\$ 1 000 (mais de 300 euros). Este processo foi movido pela Associação Fluminense de Amparo dos Cegos (AFAC) que argumentou que a ausência destes documentos em formato acessível vai contra direitos como a intimidade, privacidade e honra garantidos pela Constituição.

**SABER MAIS:**

Associação Fluminense de Amparo aos Cegos  
[www.afac.org.br](http://www.afac.org.br)



## ➤ Internacional



*“Espero sinceramente que a União dos Cegos de Língua Portuguesa se mostre ativa na UMC, que funcione como uma ponte entre as pessoas com deficiência visual nos diferentes países.”*

**Arnt Holte**

**Presidente da União Mundial de Cegos desde 2011, Arnt Holte, contou à Presidente da Direção Nacional da ACAPO, Ana Sofia Antunes, quais os principais desafios da organização internacional.**

**Ana Sofia Antunes: Como Presidente da UMC (União Mundial de Cegos) imagino que está envolvido em muitos projetos, em vários comités e grupos de trabalho. Quais destes projetos gostaria de destacar?**

Arnt Holte: Penso que um dos temas mais importantes em que estamos a trabalhar atualmente seja a ratificação do TM (Tratado de Marraquexe). O TM trata da exportação de livros, especialmente aqueles que se encontram em Braille, e noutros suportes acessíveis. Como sabe, isso será tão importante para crianças como para adultos.

Penso então que a ratificação do TM será um dos trabalhos com maior relevo que estamos a desenvolver.

Adicionalmente, estamos a trabalhar, por exemplo, no que acontecerá com a circulação dos veículos

silenciosos. Os veículos elétricos não emitem qualquer tipo de ruído, pelo que, quando os cegos se deslocam na rua, não conseguem ouvi-los. Esta é situação muito perigosa para esta população. Por isso, estamos também a trabalhar com os fabricantes de veículos elétricos para instalarem um sinal sonoro no veículo, que avise as pessoas com deficiência visual quando este se aproxima. Esta é também uma das questões em que estamos a trabalhar e tentar fazer *lobby*. Ficam aqui dois exemplos dos temas em que estamos a trabalhar atualmente.

**A.S.A.: A situação que descreve também é difícil para nós em Portugal porque, nos últimos dois anos, começaram a circular vários veículos elétricos... Mas falando um pouco mais do TM, qual o ponto da situação atual deste importante Tratado? Sabe quantos países o ratificaram até à data?**

A.H.: Até agora há nove países que ratificaram o TM. São necessários pelo menos 20 países para que este entre em vigor e, por isso esperamos sinceramente este ano atingir o objetivo de 20 países ratificantes do TM e estamos também a tentar inspirar os países de língua portuguesa, por exemplo, em África, América Latina na Ásia e Europa para tentarem ratificar o TM.

**“Sabe que cerca de 68 milhões de crianças no mundo não têm acesso à escola e destes, cerca de 80% têm deficiência?”**

**A.S.A.: Por outro lado, sabemos que a UMC é membro de duas instituições internacionais: o ICEVI**

**[Conselho Internacional para a Educação das Pessoas com Deficiência Visual] e o programa VISION. Que tipo de resultados pensa que a UMC atingiu com a sua participação nestas instituições?**

AH: Para nós, a educação é importante, porque sabemos que o acesso das pessoas com deficiência visual à educação é a chave para o futuro - para as crianças, para os jovens... para todos! Através do ICEVI estamos a trabalhar para que as pessoas com deficiência visual tenham acesso à escola e à educação. Na semana passada, em abril, tivemos uma reunião em Londres, onde debatemos como podemos promover o acesso de mais crianças à educação. Sabe que cerca de 68 milhões de crianças no mundo não têm acesso à escola e destes, cerca de 80% têm deficiência e que muitos deles são cegos? Através do ICEVI estamos a tentar influenciar agências da ONU (Organização das Nações Unidas) e outros organismos para possibilitar que mais crianças com deficiência visual acedam à escola.

A segunda organização tem que ver com a prevenção da cegueira a IAPB [Agência Internacional para a Prevenção da Cegueira] e é uma das parceiras do programa Vision2020. Através desta organização, estamos a tentar trabalhar para que as pessoas não ceguem. Atualmente existem no mundo, cerca de 39 milhões de pessoas cegas e talvez destas, 30 ou 31 milhões possuem um tipo de cegueira evitável.

**A.S.A.: A UMC trabalha em seis diferentes regiões no mundo – Europa, África, América do Norte, América Latina, Ásia e Ásia Pacífico. Com este leque de diferentes culturas, penso que a atividade desta organização é, não só um desafio, mas também uma janela de oportunidades.**

A.H.: É verdade. Claro que trabalhar em determinada região é importante, como também o é trabalhar para além das fronteiras dessa região. Por exemplo, mesmo na Europa “embora estejamos sempre a pensar que esta é uma região onde estamos a ficar cada vez mais prósperos” há países que ainda não estão a oferecer muitos serviços às pessoas com deficiência visual.

“São necessários, pelo menos, 20 países para que o Tratado de Marraquexe entre em vigor”

**A.S.A : Mas o que pensa da possibilidade do estabelecimento de contatos e realização de ações especificamente nas áreas mais remotas do nosso planeta?**

A.H.: Existe um grande interesse entre os nossos membros para tentar ajudar os outros. Sei que, por exemplo, a ACAPO está a executar projetos em países africanos e penso, verdadeiramente, que é importante tentar praticar esse tipo de solidariedade. Julgo que existe entre os nossos membros uma preocupação para com o trabalho dos outros, e há já muitas ações

praticadas nesse sentido.

Mas ter a oportunidade de trabalhar em conjunto não traz só vantagens ao país que estamos a ajudar. Mesmo quando estamos a colaborar com um país pobre, conseguimos sempre algo em retorno, alguma experiência.

**A.S.A: Iniciou o seu mandato na UMC em 2011 e irá concluí-lo em 2015. Que tipo de objetivos ainda se propõe alcançar?**

A.H.: Definitivamente, espero que tenhamos mais de 20 países a ratificar o TM para que este entre em vigor. Espero que tenhamos alcançado outros objetivos e que tenhamos feito alguma coisa para conseguir ter mais pessoas empregadas, por exemplo. Espero verdadeiramente que tenhamos fortalecido os nossos membros, para que a capacidade das organizações nacionais tenha melhorado eles próprios possam apoiar os seus associados. Espero que neste mandato tenhamos realizado alguma coisa para melhorar a vida das pessoas com deficiência visual. Mas, sabe, isto dura algum tempo e para trabalhar a nível internacional é necessário ser paciente, mas também trabalhar arduamente, porque não conseguimos ver os resultados de um ano para o outro. Conseguimos ver os resultados no final de um período de vários anos . Penso que trabalhar a nível internacional contribui verdadeiramente para apoiar a pessoas que vivem em áreas rurais e remotas. O TM, por exemplo, pode disponibilizar livros escolares, livros a pessoas que vivem nesse tipo de áreas e o meu último desejo é disponibilizar também mais tecnologia às pessoas com deficiência visual, mas tecnologia a preços acessíveis. Acredito que o acesso à tecnologia adaptada traz uma verdadeira mudança na vida das pessoas com deficiência visual.

**A.S.A.: No passado mês de dezembro formalizámos a constituição da UCLP, União dos Cegos de Língua Portuguesa. A ACAPO coordenou este processo com os outros sete países de língua portuguesa. Para terminar a nossa entrevista, gostaria de saber o que pensa especificamente do papel deste tipo de blocos linguísticos no seio da UMC.**

A.H.: Eu fiquei muito contente por poder participar nesta reunião em dezembro. Penso verdadeiramente que este tipo de contatos transfronteiriços tem um grande significado, na medida em que consegue uma maior partilha de informação e trabalha em conjunto. Trabalhar em rede desde Lisboa, África, Europa e América Latina é a chave para o trabalho de futuro, porque tentar utilizar a força das áreas linguísticas é muito importante e penso também que construir um melhor entendimento entre as pessoas com deficiência visual de todo o mundo. Espero sinceramente que a União dos Cegos de Língua Portuguesa se mostre ativa na UMC, funcione como uma ponte entre as pessoas com deficiência visual nos diferentes países.

**A.S.A.: Muito obrigada. LB**

## ➤ Tecnologia

### Acessibilidade no Facebook: Truques e Dicas



Por Rui Batista  
Programador

O Facebook é a rede social mais usada em todo o mundo. Está por todo o lado e, não sendo certamente nem a primeira nem a única rede social *online* do género, tem vindo a mudar o modo como comunicamos e nos relacionamos com os outros. As pessoas com deficiência visual integraram desde cedo esta nova forma de comunicar, alguns até com muito afinco.

A acessibilidade do Facebook para pessoas cegas e com baixa visão não é perfeita, no entanto tem sido trilhado um caminho bastante positivo, especialmente desde que foi criada uma equipa especializada em acessibilidade dentro do Facebook. Esta evolução reflectiu-se tanto no acesso ao Facebook via navegador *web* como também nas aplicações para plataformas móveis, cada vez mais relevantes no contexto tecnológico actual.

Neste artigo deixarei um conjunto de dicas que, espero, possam contribuir para uma melhor utilização do Facebook por pessoas cegas e com baixa visão, tanto em navegadores *web* como em plataformas móveis. Acredito que várias delas sejam do conhecimento de alguns, bem como existam outras, igualmente úteis, que aqui não tiveram espaço.

Assume-se que o leitor tem algum conhecimento de tecnologias da informação na perspectiva das pessoas com deficiência visual, em particular de leitores de ecrã como JAWS, NVDA ou VoiceOver, bem como sabe o que é o Facebook e é, ou pretende ser, utilizador dessa rede social.

#### 1. Conheça o seu leitor de ecrã e mantenha-o actualizado.

O Facebook, particularmente em navegadores *web* para o computador, tem uma *interface* de utilizador relativamente complexa, com bastantes e diferentes elementos, e muito dinamismo. Em virtude disso, para uma utilização eficaz e cómoda, é importante conhecer

bem o leitor de ecrã que se usa. Esta, apesar de útil em todas as situações, é a primeira dica. Se usa o Facebook apenas navegando com as setas, *tabs* ou leitura contínua, saiba que existem formas bem mais fáceis e eficientes. As próximas dicas podem ajudar, mas certamente que não chegam.

É igualmente importante utilizar versões actuais dos leitores de ecrã para que se usufrua do maior suporte de acessibilidade possível, especialmente em páginas *web* como o Facebook. Numa altura em que existem leitores de ecrã gratuitos e de qualidade como o NVDA, o preço não será propriamente um problema. Manter o navegador *web* actualizado é também uma dica a reter.

#### 2. No computador pode usar a interface de navegador para dispositivos móveis

Existe uma página do Facebook criada especialmente para ser utilizada em navegadores para dispositivos móveis em <http://m.facebook.com>.

Apesar de ter menos funcionalidades do que o site principal (em [www.facebook.com](http://www.facebook.com)) é bastante mais simples e possui muito menos distrações para os utilizadores de leitor de ecrã. Para ler o Feed de Notícias (lista de *posts* dos seus amigos, páginas de que gosta, etc.), escrever as suas publicações ou comentar, é uma solução a ter em conta, inclusive para a utilização do *chat* do Facebook. Isto não invalida que a *interface* "normal" não seja em geral acessível.

#### 3. Conheça a estrutura do Facebook e tire partido dela com Teclas de Navegação Rápida

Apesar da grande quantidade de conteúdos que podem existir no Facebook, a estrutura das páginas é consistente. Existe uma área na parte superior que dá acesso às funções principais do Facebook (como ir para a página principal, mensagens, pedidos, entre outros), uma área de pesquisa, e, além de algumas áreas complementares, e uma área principal de conteúdos, onde se pode ler o *feed* de notícias, o nosso perfil ou de outro utilizador, entre outras informações.

Os leitores de ecrã tiram partido da estrutura das páginas *web* de diversas maneiras, incluindo variadas teclas de navegação que permitem ao utilizador saltar rapidamente para pontos específicos das páginas, com base nessa estrutura. Em páginas bem marcadas, ou seja, em que está codificada uma estrutura que reflecte o significado do conteúdo e não apenas a sua aparência, a navegação para um cego torna-se muito eficiente.

No caso do Facebook as secções importantes estão marcadas como cabeçalhos de vários níveis: a área superior (*banner*) como cabeçalho de nível 1, o *feed* de notícias como cabeçalho de nível 2, e os vários *posts* como cabeçalhos de nível 5 ou 6 (ou nível 3 na *interface* para navegadores móveis já referida). Isto permite navegar rapidamente entre cabeçalhos (tecla H na maioria dos leitores de ecrã) ou mesmo para cabeçalhos de níveis específicos (teclas 1 a 6). Esta é, provavelmente a técnica de navegação mais utilizada no Facebook.

As diferentes secções das páginas *web* do Facebook

estão igualmente identificadas com marcadores de função do conteúdo (navegação, área principal, conteúdo complementar, etc.). Pode-se navegar por secções através de teclas de navegação (tecla D, no NVDA, por exemplo). A procura por botões ou campos de formulário é também útil para se encontrar os botões de "gosto" ou para comentar, bem como campos de edição para comentários, novos posts ou mesmo no *chat*.

Em complemento, poder-se-á utilizar a funcionalidade de listagem de elementos presente nos leitores de ecrã mais comuns, que permite listar e procurar por elementos de um determinado tipo (*links*, cabeçalhos, etc), ou mesmo recorrer à procura de texto nas páginas, quando se sabe o que se procura mas não se sabe exactamente como navegar até lá.



#### 4. O Facebook no iPhone tem manhas que é preciso conhecer

Apesar de ser relativamente acessível, a aplicação do Facebook para iPhone (e iPad e iPod) tem algumas *nuances* que poderão baralhar os mais incautos.

Para começar, a aplicação do Facebook é actualizada muitíssimas vezes, normalmente de duas em duas semanas, actualizações as quais costumam modificar a acessibilidade da mesma, ou para melhor ou para pior. É importante ter essas mudanças em conta para não se surpreender, muito...

Em termos de *interface*, a aplicação do Facebook é geralmente intuitiva para utilizadores do VoiceOver, exceptuando o *feed* de notícias. Neste, onde se pode navegar pelos posts usando o gesto de varrer com um dedo para a esquerda e para a direita, podem efectuar-se outras acções além de ler as entradas e ouvir as suas contagens de "gostos" e comentários. Tocando duas vezes com dois dedos (o chamado toque mágico ou *magic tap*) num *post* apresenta o menu de acções, específico para o VoiceOver, onde se pode escolher entre o botão "gosto", comentar, partilhar, ou outros, dependendo do tipo de *post* e outras variáveis. É uma alternativa mais eficiente a entrar no *post*, procurar pela acção que se pretende e executá-la. Porém, é possível que este gesto do VoiceOver não funcione sempre ou entre em conflito com outras aplicações do sistema, provocando acções não desejadas como colocar a música a tocar ou desligar chamadas em curso.

Infelizmente, existem entradas que, por muito que se tente clicar para ler comentários ou efectuar outras acções, é impossível usando o VoiceOver no iPhone. Nestes casos, a única alternativa é ir ao perfil do amigo que publicou e encontrar o referido conteúdo, que nesse

caso já será possível de ser consultado. Nem tudo é perfeito e esta falha é no mínimo frustrante...

A criação de *posts* no iPhone pode ser iniciada do Facebook ou de outras aplicações. Na aplicação, o botão "Estado" permite criar as suas publicações, definir o texto, público-alvo, incluir media, identificar amigos e a localização que quer apresentar. Por outro lado, se encontrar um botão de "Partilhar" numa outra qualquer aplicação, poderá partilhar conteúdo dessa aplicação no Facebook, como notícias de jornais, *links* ou fotos. Bem mais prático.

Recentemente, com a adição da assistente Siri em Português do Brasil (versões do sistema iOS 8.3 ou superiores) tornou-se possível publicar em português no Facebook apenas com a voz. Basta para isso activar a Siri — por exemplo primando o botão do dispositivo até ouvir o tom característico — e dizer "publicar no Facebook" seguido do texto que se pretende publicar.

#### 5. Use o chat de várias maneiras

O Facebook tem um *chat* que permite comunicar em tempo real com os outros utilizadores, por texto ou, mais recentemente, por voz ou vídeo. Este *chat* pode ser utilizado pelo *site* do Facebook, tanto a versão "normal" como a para navegador móvel, e é bastante acessível com leitores de ecrã. É até possível que o leitor de ecrã anuncie as mensagens logo quando chegam, caso se use leitores de ecrã recentes e um navegador que suporte os últimos padrões de acessibilidade *web*.

Além do *site* do Facebook, existem várias aplicações que se podem conectar ao *chat* e proporcionar uma experiência similar ao que nos habituamos com o Skype ou o com o saudoso MSN Messenger. Desde logo o próprio Skype permite ligar ao Facebook e apresentar os contactos da mesma forma que contactos nativos do Skype. Assim, se os leitores de ecrã dão acessibilidade ao Skype, em consequência dão ao *chat* do Facebook. Entre outras alternativas do género existem o Miranda IM (Windows), Adium (Mac OSX) ou o Pidgin (Linux).

Nos dispositivos móveis a funcionalidade de chat não está directamente integrada na aplicação do Facebook, mas sim na aplicação Messenger — denominação pouco original, diga-se.

Esta aplicação é totalmente acessível, com leitura de todas as mensagens e conteúdos, e possui uma *interface* bastante fácil de navegar com o VoiceOver. Tão fácil que, mesmo perto de um computador, é mais simples ler as mensagens no dispositivo móvel do que no próprio computador.

Certamente que muito mais haveria a dizer, não apenas sobre a acessibilidade do Facebook mas também sobre o modo como as redes sociais e as novas formas de comunicação podem ser aproveitadas na causa da sensibilização e auto-representação das pessoas cegas e com baixa visão. Fica o repto e a certeza que tais matérias serão assunto de reflexões futuras, nesta ou noutra publicação. **LB**

Por decisão pessoal, o autor deste artigo não escreve segundo as regras do novo acordo ortográfico.



## ➤ Emprego

### Mercado de trabalho e deficiência

Por **Patrícia Fernandes Soares**

Estudante do 2.º ano do mestrado em Psicologia Social das Organizações pelo ISCTE-IUL - Instituto Universitário de Lisboa

Assistimos, nos tempos que correm, a diferentes mudanças e transformações de várias ordens. A mais presente (e talvez aquela que maiores consequências traz a uma efectiva participação social) é sem dúvida o aumento do desemprego. Quer por razões de natureza económica ou inerentes à estrutura do mercado de trabalho, o conceito de desemprego tem vindo a alterar-se, dando lugar a novas formas de emprego, mas também a sua precarização, efeitos e consequências para o próprio indivíduo que o vivencia.

Se nas últimas décadas a formação, a educação e a inovação possibilitaram um alavancar de uma nova forma de se olhar para a relação com o mercado de trabalho em Portugal.

Hoje em dia elas são ainda mais pertinentes e urgentes numa relação de procura/oferta cada vez mais incerta, exigente e competitiva. Mais do que saberes técnicos, são necessárias novas competências pessoais, relacionais bem como de aprendizagem que possam dar resposta a esta nova realidade. Numa sociedade dominada cada vez mais pela tecnologia e pelos resultados imediatos, é quase como que imperativo um interiorizar mais profundo daquilo que conseguimos alterar e adquirir para lidar com os novos desafios do mercado de trabalho actual. Embora o fenómeno social que constitui o desemprego seja transversal às diferentes classes sociais, alguns grupos em função das suas características mas também pela forma como ainda são percebidos pela sociedade, encontram tendencialmente maiores dificuldades de acesso e de progressão numa actividade laboral. São por exemplo caso disso as mulheres, os jovens estudantes a procura do primeiro emprego, as populações com diferentes etnias ou orientações sexuais, e as pessoas com deficiência e incapacidade – a este propósito ver mais informação no último relatório sobre discriminação da OIT – Organização Internacional do Trabalho (2011).

Sobre as últimas, apesar dos avanços significativos em matéria de contratação e do seu impacto para políticas mais inclusivas, as elevadas taxas de desemprego/de inactividade face a média nacional continuam a permanecer um desafio para a sua empregabilidade. Segundo os últimos Censos (2011), apenas metade das pessoas com deficiência tinham emprego, o que ainda reflecte esta problemática social e acresce maiores dificuldades para o retorno ao emprego e a permanência no desemprego de longa duração. A falta de acesso a um trabalho remunerado era, em 2011, uma das principais causas para a pobreza e a exclusão social das pessoas com deficiência, segundo o último relatório sobre deficiência da OMS - Organização Mundial de Saúde.

A pouca produção científica existente neste campo tem-

se centrado tanto no acesso como na inclusão no mercado de trabalho desta população, e tem destacado frequentemente o papel importante que possuir maiores níveis de educação podem ter na aceitação, de pessoas com e sem deficiência, especialmente para as primeiras, demonstrando-se como um factor negativo, quanto menores forem estes, como evidenciado por Neto & Monteiro (1999). Algumas conclusões de estudos sobre as percepções sobre as pessoas com deficiência relacionadas com a sua integração profissional apontam ainda para (entre outras barreiras), para uma percepção social tendencialmente assistencialista no que toca a crença sobre a capacidade para se manter um emprego, baseada em estereótipos e falta de informação no geral a ser corrigida, como encontrado por Sequeira et al (2006).

Entre outras iniciativas possíveis, e como forma de se agir sobre estes aspectos, pode ser dada especial atenção aquelas que visem a redução do preconceito através do contacto directo com a deficiência ou através de Uma maior sensibilização e um maior conhecimento da manifestação destas atitudes. Dessa forma, pode ser feito um trabalho de prevenção e intervenção nestas realidades, rumo a um caminho mais justo e inclusivo.

Se desejar consultar estudos específicos relacionados com esta temática e com outros aspectos associados à deficiência sensorial em particular com a visual consultar por exemplo Gomes (2009) ou Pedroso (2012).

Como foi sendo referido ao longo deste artigo, encontrar uma oportunidade profissional não é simples. Exige um elevado autoconhecimento, confiança e uma dose considerável de motivação, mas também uma capacidade para gerir todas as expectativas incutidas neste trajecto pessoal.

Nesse sentido, deixo algumas sugestões práticas, que, a par de outras, lhe poderão ser úteis a quando da procura de emprego.

- 1 Conhecer de forma detalhada os seus pontos fortes e fracos assim como os do mercado de trabalho:** Analisar com cuidado o que é pretendido para determinada função assim como o que se pode oferecer, é fundamental. Tanto quem procura como quem recruta está interessado no lugar e na pessoa certa. Uma dica muito simples para se preparar para uma entrevista de emprego é estudar pelo próprio currículo, pois evita a omissão de informações importantes e a dispersão pelas menos relevantes.
- 2 Optar sempre por um formato de *Curriculum-Vitae* (CV) que seja acessível para ambas as partes:** Tanto o *template* europeu (Europass) como o CV tradicional têm as suas vantagens e desvantagens. No caso do segundo, a principal vantagem é poder ajustar o mesmo aos seus objectivos. Na preparação do seu CV, É necessária especial atenção à organização da informação que fornece, ao aspecto visual do mesmo - aqui peça sempre que possível uma opinião de terceiros ou apoio na formatação e na estética -. Deve ainda considerar-se o tamanho do documento. Ser-se sucinto no geral, e detalhados nos aspectos que pretende

destacar, é uma opção. Apesar de importantes, Limitar-se a descrever todas as actividades realizadas no passado pode ser um desincentivo à leitura de quem analisa apenas o que pretende para aquela função específica e analisa centenas de currículos por dia. Se optar por adaptar o seu documento à proposta de emprego, e tendo em conta as secções estruturantes de um CV, pode utilizar uma linguagem que transmita dinamismo, ilustrando com exemplos as suas competências. Por exemplo, se quiser destacar a sua “capacidade de comunicação”, dizer que é comunicativo apenas, ou dizer que é comunicativo porque desenvolveu esta competência pessoal em palestras, apresentações na faculdade ou no clube a que pertence não é a mesma coisa. Neste exemplo está a evidenciar uma qualidade através de uma actividade; está a orientar-se para um resultado. Assim, pode ilustrar com exemplos, referir experiências anteriores (profissionais ou não), sublinhar os aspectos mais relevantes, apresentar valores (notas de cadeiras, resultados profissionais). Deste modo, não só está a adaptar as suas competências as que lhe são exigidas, como estará a destacar o que de melhor tem para oferecer face a tantos outros candidatos. É importante ter presente que é a partir do *curriculum-vitae* que passa uma primeira impressão ao técnico de recrutamento. Por essa razão é importante espelhar, na realidade, aquilo que é e do que é capaz.

**3 Reflectir nos vários meios de apresentação e de fazer chegar o seu CV:** Existem diversos meios disponíveis, opte, mais uma vez, pelo que lhe seja mais confortável, e funcional. Utilize-os de forma separada ou em conjunto. Exemplos: Microsoft Word, PDF, suporte de vídeo, *site*, redes sociais como o LinkedIn. Esta última rede social é cada vez mais uma ferramenta de trabalho para quem recruta, e é um excelente meio para procurar mas também para ser identificado para um projecto específico. Em relação as restantes opções, pode utilizá-las de diversas formas, desde que garanta que a informação chega ao seu destinatário. Numa condição em que o candidato possui uma deficiência poderá ser vantajoso, a par do CV, um vídeo ou um *link* para um projecto pessoal que ilustre algumas competências pessoais ou profissionais, a título de exemplo. Seja criativo, dentro do que lhe for permitido, tendo sempre em conta a cultura da empresa a que se está a candidatar. Algumas empresas são mais formais e já possuem um determinado padrão/formato de CV exigido, pelo que convém pensar sempre a forma e o conteúdo das suas informações profissionais antes do seu envio.

**4 Indicar que se possui uma deficiência no seu CV:** Esta pode ser uma dúvida recorrente, e até uma questão ingrata pois pode ter impactos diferentes, ainda que seja proibida a discriminação com base na mesma informação. Se optar por inseri-la no seu CV, pode reflectir sobre a sua colocação no final. Junto à mesma pode, por exemplo, acrescentar alguma informação sobre a sua capacidade e autonomia em deslocações ou

com tecnologias inclusivas, e como é que o realiza no segundo caso. Por exemplo, pode deixar um *link* para o leitor de ecrã que utiliza, a título de informação.

Note-se que esta é apenas uma sugestão.

Outra dúvida que lhe poderá surgir, é como indicar que existem incentivos a contratação de pessoas com deficiência. Apesar de não ser desejável que esta aconteça com base exclusiva sobre estes benefícios, alguns técnicos não os conhecem. Deixar uma pequena indicação no final ou transmiti-la apenas no momento da entrevista, é uma hipótese entre outras.

**5 Manter-se empregável:** Todos os aspectos anteriores são importantes, e fazem com que se mantenha empregável. O mercado de trabalho está em constante transformação, e provavelmente muitas das competências adquiridas no passado poderão ter um impacto diferente no presente e necessitar ou que as actualize ou que as reforce.

Algumas opções passam por tirar novos níveis de qualificação ou aperfeiçoar os existentes.

**6 Contar com redes sociais de suporte:** Contar com as suas redes sociais de suporte mais pessoais, como os amigos e a família, ou com as mais formais - a escola (entre outras), aumenta a sensação de bem-estar e oportunidades para adquirir novas competências, e de *networking* para conseguir um emprego. A troca de experiências e a qualidade destas pode ser muito positiva.

**7 Por fim, e como complemento, pode ainda explorar as seguintes aplicações/sites de procura de emprego, de forma gratuita e acessível, para Smartphones ou Pcs: LB**

Disponível para os sistemas operativos Android e iOS e em: <http://www.careerjet.pt>

Disponível nos sistemas operativos Android e iOS e em: <http://emprego.trovit.pt>

Disponível nos sistemas operativos Android e iOS e em: <https://www.linkedin.com/>

Net-empregos  
<http://www.net-empregos.com>

#### Referências bibliográficas:

SEQUEIRA; MAROCO; RODRIGUES, E. (2006). Emprego e inserção social das pessoas com deficiência na sociedade do conhecimento: Revista Europeia de Inserção Social/ Revue Européenne d'Insertion Sociale 1, (1), P. 3-28

NETO, Monteiro (1999). Atitudes dos empresários face a pessoas com deficiência, Organização mundial de saúde (OMS) (2011). RELATÓRIO MUNDIAL SOBRE A DEFICIÊNCIA

Organização internacional do trabalho (2011). Relatório Global "Igualdade no Trabalho: um desafio contínuo"

Gomes, S, Augusto, C, Lopes, M, Ribeiro, V (2008). A GESTÃO DA DIVERSIDADE EM PEQUENAS E MÉDIAS EMPRESAS

Instituto nacional de estatística (INE): censos (2011)

Pedroso, P, Alves, T, ELYSEU, J, João, C (2012). Estudo ACAPO A Prestação de serviços e a promoção da vida independente

Por decisão pessoal, a autora deste artigo não escreve segundo as regras do novo acordo ortográfico.

## ➤ EDUCAÇÃO

### Música para pessoas com deficiência visual: muito para além da musicoterapia



**Durante anos, a música representou para muitas pessoas com deficiência visual a única saída profissional ao dispor. Contudo, ao longo dos tempos, a música, no seio das pessoas cegas, veio a perder reconhecimento e credibilidade.**

**Na tentativa de recuperar o interesse de outrora, em 2014, o projeto “Ver pela Arte” propôs-se a desenvolver um programa que retome o ensino da música para pessoas com deficiência visual. Em vigor na Escola de Música Nossa Senhora do Cabo, em Linda-a-Velha, o projeto conseguiu reunir um número considerável de alunos com deficiência visual. Será este um regresso ao passado?**

**Por Cláudia Vargas Candeias**

Durante oito anos foi cantora no coro profissional de cegos na Bulgária. Foi lá que Ivelina Kavrakova-Pereira viveu a “melhor experiência” da sua vida. O coro, “único no mundo”, é constituído por mais de 60 pessoas cegas que, em muitos casos, encontram neste grupo uma saída profissional viável. “Este trabalho é remunerado, tal como sucede em qualquer profissão. Todos os músicos recebem uma remuneração, que é calculada de acordo com a sua categoria no coro”, explica Ivelina.

Quando há 10 anos chegou a Portugal manteve a profissão de cantora e aí encontrou-se novamente com alunos de música com deficiência visual. Foi através destes que recebeu uma proposta para iniciar em Huelva (Espanha), com o apoio da Câmara Municipal, um projeto de música para alunos com deficiência visual. A proposta era aliciante mas Ivelina recusou. “O meu marido era

português, os meus filhos também. Porque não fazer este projeto mas em Portugal?”.

A interrogação levou-a a muitas escolas, institutos, associações que lhe devolviam sempre a mesma resposta: sem apoios financeiros não conseguiremos levar para a frente um projeto desta envergadura. Até que em 2013 se encontrou com o Centro Nacional de Cultura que lhe propôs apresentar um projeto ao Programa Cidadania Ativa, gerido pela Fundação Calouste Gulbenkian, e aí encontraram o financiamento necessário.

Em parceria com a ACAPO, que presta apoio a nível pedagógico, constituíram o projeto “Ver pela Arte”, cujos objetivos passam pela construção de um programa de ensino musical dirigido a crianças, jovens e adultos com deficiência visual.

No primeiro ano de candidaturas, o projeto não conseguiu aprovação por parte da entidade gestora, o que levou os envolvidos a reestruturarem o programa que voltaram a apresentar no ano seguinte. Com novos parceiros, como a Escola de Música Nossa Senhora do Cabo e a Faculdade de Motricidade Humana, o projeto “Ver pela Arte” recebia, em setembro de 2014, o “sim” por parte da Fundação Calouste Gulbenkian. Em novembro do mesmo ano o projeto saía finalmente do papel para entrar nas salas de aula da Escola de Música Nossa Senhora do Cabo, em Linda-a-Velha.

#### O “ano zero”

A Escola de Música Nossa Senhora do Cabo é uma das maiores do país. Com mais de 30 anos, acolhe cerca de

800 alunos que, apoiados por um grupo docente constituído por quase 60 professores, procuram diariamente atingir a excelência musical. É também esta a escola mais eleita do país pelos alunos que seguem o ensino superior de música.

Embora possua um grupo heterógeno de alunos, quer em termos de idade, como de aspirações futuras na área da música, por esta escola nunca tinham passado alunos com deficiência visual. Aliás, Pedro Figueiredo, diretor pedagógico da escola, lembra que não existe nos últimos anos qualquer trabalho ao nível do ensino da música a pessoas com deficiência visual. “O desafio é este mesmo. Estamos a começar uma coisa que não existe em lado nenhum e vamos deixar as bases para que outros possam replicar esta experiência em qualquer escola do país. Isto porque ter deficiência visual não é *handicap* nenhum para aprender música.”

Abrir caminho para que o ensino da música a pessoas cegas ou com baixa visão seja apoiado e impulsionado é assim um dos objetivos do programa “Ver pela Arte”, reafirma Teresa Tamen, Diretora Geral de Atividades do Centro Nacional de Cultura. Na procura de uma escola que pudesse acolher estes alunos, verificou-se que “as escolas de música não se sentem preparadas para acolher alunos com deficiência visual”.

Mesmo no caso da escola de Linda-a-Velha, a aceitação do novo grupo de alunos pressupôs algumas alterações ao nível das disciplinas teóricas, levando o diretor pedagógico a procurar professores específicos para as aulas de formação e cultura musical. “Não é uma questão de preconceito em relação ao facto de os alunos terem deficiência visual mas é claramente uma dificuldade para verem como criar novos programas, começando do zero”, defende o professor. Nos primeiros contactos estabelecidos, o responsável recorda as conversas com os professores: “Mas têm uma sebenta?”/ “Não, não existe nada. Vamos começar do zero”/ “Ah! Mas eu tenho receio, não me sinto preparado”.

Ultrapassadas estas primeiras barreiras, Pedro Figueiredo acredita que as únicas dificuldades sentidas foram ao nível da comunicação porque “não se pode dar exemplos visuais de qualquer coisa”. Para encontrarem então as estratégias de comunicação mais adequadas, houve necessidade de trabalhar em conjunto com a ACAPO que os ajudou ainda a quebrar mitos, a lidar com a deficiência visual e a concentrar-se nas capacidades dos alunos em vez de nas dificuldades decorrentes da deficiência.

Neste ano zero, o ensino da música a pessoas com deficiência visual na Escola de Linda-a-Velha distribui-se por dois grupos constituídos por crianças com idade entre os 6 e 12 anos e jovens e adultos, que se encontram a frequentar as disciplinas de formação musical, cultura musical, instrumento e canto coral. Ao todo, estudam, ao abrigo do programa “Ver pela Arte”, 19 alunos com deficiência visual, dos quais 6 são crianças.

Neste leque, cruzaram-se Milene Pratas, Miguel Vieira e Aurélio Sobral. Todos partilham o gosto pela música e a vontade de há muito iniciarem um programa de aprendizagem musical.

### Ver pela Arte: um comboio que só passa uma vez?

Tal como a maioria dos colegas, a relação de Miguel Vieira com a música surgiu muito antes do projeto “Ver pela Arte”. “O encontro com a música começou muito cedo. O meu pai cantava e tocava em vários grupos, o que fazia com que eu ouvisse também muita música”, recorda.

Com oito anos, quando tudo terá começado, Miguel ainda vivia no seu país natal, Angola, onde aprendeu a tocar instrumentos de percussão, como o chocalho ou reco-reco, sempre aliado à voz. Em Angola, onde viveu até aos 20 anos, altura em que perdeu a visão, participou em vários grupos e coros “sempre ligados à igreja”.

Aos 20 anos, já com deficiência visual, descobre outros instrumentos. Primeiro a bateria e depois a guitarra e o baixo. “Esta foi sempre uma coisa por que tive de lutar. Sempre pensei que não conseguiria evoluir na aprendizagem do instrumento”. Enganou-se. Miguel é hoje um músico que se pode denominar de completo: canta, toca e escreve as suas próprias músicas. Possui uma banda própria intitulada “Ministério Vieira”, com um foco evangélico, mas que pode interessar a todos os ouvidos. “Depois de cegar, esta foi uma das maneiras que encontrei de transmitir às pessoas o que eu queria. Muitas das minhas músicas têm que ver com a minha vida, com o meu processo, com o que eu era antes e com o que sou atualmente. Têm que ver com as vitórias e derrotas que ultrapassamos enquanto cegos porque querendo ou não há muitas lacunas que precisam ser ultrapassadas”, lamenta.

Uma dessas dificuldades está certamente relacionada com a aprendizagem da música que procurou desde que cegou e que sempre lhe foi recusada “por falta de preparação dos professores”, diziam-lhe. Tudo o que sabia, até ao momento em que atravessou as portas da Escola de Música Nossa Senhora do Cabo, conseguiu-o por iniciativa própria, “sem ter um professor ao lado”.

Recorda então o dia em que tudo mudou. Escutava a Rádio Renascença quando ouviu a divulgação ao projeto “Ver pela Arte”. “Na altura o Rúben Portinha [aluno do projeto] dizia que quando o comboio passa, o melhor é não esperarmos pelo próximo porque não sabemos quando ele poderá voltar a passar. Esta foi uma das frases que ficou comigo e me levou a inscrever”.

Uma analogia semelhante pode ser usada quando nos referimos a Aurélio Sobral. Há 30 anos integrou um grupo de música popular portuguesa, que lhe deu a oportunidade de percorrer o país em concertos. Tocava acordeão, um instrumento que aprendeu a dominar “de ouvido”, sem quaisquer conhecimentos musicais. Ainda tentou obter esta aprendizagem de caráter formal mas o projeto do qual fez parte na APEC - Associação Promotora do Ensino dos Cegos – não foi bem-sucedido. “Sempre gostei de música e pensei que ia ficar com uma formação musical e começar a prática do instrumento. Fiquei até muito triste quando aquele projeto não deu”.

Até que ouviu falar no projeto “Ver pela Arte”. “Fiquei maravilhosamente contente. Na altura pensei logo 'Ora aqui está uma oportunidade eu não posso perder. Se eu

posso aprender, sem despende qualquer valor, é de aproveitar e agarrar com as duas mãos”. Na Escola de Música Nossa Senhora do Cabo, tal como o colega Miguel, optou pela aprendizagem do piano. “Sei que com a idade que tenho não serei um bom pianista. Não tenho tempo para me dedicar ao piano. Mas pelo menos gostava de conseguir acompanhar alguém a cantar”.

Com objetivos igualmente bem definidos encontra-se Milene Pratas, a “mascote” do grupo como carinhosamente é tratada pelos restantes colegas. É natural de Viana do Alentejo e a sua participação no projeto requer que se desloque até Linda-a-Velha duas vezes por semana. À quinta-feira para ter aulas de canto (o instrumento que escolheu foi a voz) e participar no grupo coral e ao sábado para lições de formação musical. Com 20 anos e o 12º ano finalizado, Milene ingressou no projeto por ter como objetivo, num futuro próximo, seguir estudos musicais. Como para isso precisa apresentar conhecimentos de música que não possui (por exemplo, saber ler uma pauta em Braille) Milene, numa decisão concertada com a mãe e irmã, optou por eleger este ano letivo como um “ano zero”, onde aproveitará para adquirir novos conhecimentos e ganhar certezas sobre o seu futuro.

O gosto pela música vem desde os “dois anos de idade”, recorda. “Sempre gostei de cantar, tocar órgão e acordeão mas principalmente cantar”. Para além de frequentar a disciplina de música no ensino regular, foi no projeto designado “Cool’Artes” que aprendeu a tocar um instrumento musical. “Para conseguir aprender órgão, a professora tinha de me indicar as teclas onde devia posicionar os dedos. Com o acordeão sucedeu a mesma coisa”. Valia-lhe a boa memória e uma grande curiosidade para aprender. “Como era uma coisa que eu gostava andava sempre a pesquisar”, confidencia.

Em Linda-a-Velha encontrou uma nova realidade. Professores preparados e dispostos a interagir com a deficiência visual, um ensino mais formal da música e colegas que consigo partilham uma deficiência. “Têm vidas completamente distantes da minha vida. Isto [Viana do Alentejo] é um meio pequeno. Eles saem sem problemas, vão aqui vão ali.”

Uma realidade com que Milene terá inevitavelmente de se confrontar no próximo ano, qualquer que seja a sua decisão sobre o seu futuro. “Em princípio vou levar para a frente esta ideia. Mas também já me disseram que ninguém vive da música... Assim, não sei se vou já iniciar-me na música, ou se vou interromper e tirar outro curso, para que depois consiga ingressar numa empresa e só depois voltar à música”. De qualquer modo, em comparação com o ensino que hoje encontra na escola de Linda-a-Velha, possui a certeza que não se vai deparar com “um ensino tão bem preparado” e que haverá problemas que, como sempre, terão de ser resolvidos com base na sua própria persistência.

## Regresso ao passado

Tanto Rui Guerreiro, professor de música, com mestrado na área do ensino da música para cegos, como Vitor

Reino, especialista em musicografia Braille, traçam um percurso de altos e baixos no ensino e profissionalização das pessoas cegas no mundo da música.

“Existiram orquestras de cegos. O ensino da música era obrigatório, colegas da minha geração, por exemplo, tiveram colegas cegos no conservatório. Havia ainda um sexteto que atuava regularmente na antiga Emissora Nacional. Entretanto estes grupos desapareceram...”

Vitor Reino continua a explicação: “Eu acho que houve uma recusa da música, mesmo por parte das próprias pessoas que não viam. Se calhar, porque antigamente era a única saída possível e depois passou a associar-se muito a música ao mendigar”. Rui Guerreiro vai ainda mais longe ao dizer que “houve uma altura em que parecia mal aprender música”.

O ensino da música entrara assim num círculo vicioso. Sem alunos, sem os apoios e incentivos à existência de escolas especializadas, a formação dos professores para o ensino da música a pessoas cegas sai prejudicada.

Estas foram as razões que levaram Rui Guerreiro, também violinista na Orquestra Sinfónica Portuguesa, a desenvolver um mestrado centrado no ensino da música a alunos cegos. “Basicamente queria tentar tirar o medo aos professores que eu sentia que tinham, e que na altura eu também tinha. Eu posso dizer que não há preconceito, há sim é medo de não saber fazer as coisas”.

A isso junta-se também o reduzido apoio do Ministério da Educação, que impulsiona o ensino da música. “O ensino musical a cegos é residual, não há nada. Quando há, muitas vezes dito pelos professores, eles não os podem aceitar porque dão prejuízo às escolas”. O professor do Conservatório de Música D. Dinis alerta para a falta de participação para a aquisição de materiais essenciais, como uma impressora ou máquina Braille. “O professor adapta-se, agora se não tiver os meios, como é que ele faz? Não há qualquer tipo de hipótese para os alunos seguirem uma carreira artística.”

Vitor Reino encontra ainda outra explicação para esta “crise”. “Sem Braille, não há música. E o Braille também está em crise [fruto da utilização de sistemas de voz]. A música em Braille tem os seus contras... A leitura implica a utilização das mãos. E não se pode tocar e ler música ao mesmo tempo”.

Porém, acautela para a impossibilidade de um regresso ao passado. “A vida social mudou. Não é possível, com algumas pessoas advogam, regressar às escolas antigas. Aos internatos e àquelas escolas especiais.”

Assim, ainda mais necessária se apresenta a dinamização de projetos como o “Ver pela Arte”, e a procura de mecenas, que financiem a criação de condições para a aprendizagem da música por pessoas com deficiência visual. O desafio reside agora na sustentabilidade das propostas, neste caso do projeto “Ver pela Arte”. Sobre isso, Teresa Tamen acredita que o projeto tem condições para continuar, com a coordenação ou não do Centro Nacional de Cultura, e de forma autónoma e integrada em qualquer escola do país.

LB

## ➤ Direitos

### Transporte rodoviário: novos direitos



Por **Sónia Anjos**

Jurista na Direção Nacional da ACAPO

O Decreto-lei n.º 9/2015 publicado em 15 de Janeiro estabelece as condições que devem ser observadas no contrato de transporte rodoviário de passageiros e bagagens em serviços regulares. Este diploma legal surge por força do novo enquadramento normativo europeu decorrente, no caso, do regulamento n.º 181/2011 do Parlamento Europeu e do Conselho de 16 de Fevereiro de 2011, directamente aplicável a todos os Estados Membros da União Europeia.

Este novo enquadramento normativo europeu deriva, também, do artigo 9.º da Convenção das Nações Unidas sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência que pretende proporcionar às pessoas com deficiência e às pessoas com mobilidade reduzida a possibilidade de viajarem de autocarro em condições comparáveis às dos outros cidadãos.

O regulamento n.º 181/2011 de 16 de Fevereiro prevê a não discriminação e assistência obrigatória às pessoas e nas condições seguintes: às pessoas com deficiência, às pessoas com mobilidade reduzida, às pessoas com incapacidade ou deficiência intelectual ou a qualquer outra causa de incapacidade, ou à idade, e cuja situação exija uma atenção adequada e a adaptação dos serviços disponibilizados a todos os passageiros às suas necessidades específicas.

Este regulamento composto por 34 artigos dedica todo um capítulo aos direitos das pessoas com deficiência e das pessoas com mobilidade reduzida (do artigo 9º ao artigo 18.º), nomeadamente:

- O artigo 9.º versa sobre o direito ao transporte que passa pela proibição de recusa de venda de bilhete ou de embarque de pessoa com deficiência com fundamento em deficiência ou mobilidade reduzida e, sem agravamento de custos;

- O artigo 13.º prevê o direito a assistência nos terminais e a bordo dos autocarros de forma gratuita desde que as transportadoras sejam informadas com pelo menos 36

horas de antecedência;

- O artigo 16.º estabelece a obrigatoriedade de formação de pessoal das transportadoras para garantir que a assistência seja prestada correctamente, sendo ainda previsto que as organizações representativas das pessoas com deficiência e das pessoas com mobilidade reduzida devem ser consultadas e contribuir na preparação do conteúdo da formação;

- O artigo 17.º prevê o direito a indemnização quando, nomeadamente, haja responsabilidade por danos causados em cadeiras de rodas ou em outros equipamentos de mobilidade ou em dispositivos de assistência. O regulamento trata ainda do direito ao acesso às informações essenciais sobre o transporte em formatos alternativos acessíveis tais como em grande formato, linguagem clara, Braille, comunicações electrónicas a que se possa aceder com tecnologia adaptativa ou fitas áudio. Prevê ainda que “quando da tomada de decisões sobre concepção de novos terminais, ou quando procederem a renovações importantes, os organismos gestores dos terminais deverão procurar ter em conta as necessidades das pessoas com deficiência ou mobilidade reduzida em conformidade com os requisitos da concepção para todos. Em qualquer caso, os organismos gestores dos terminais deverão designar os pontos nos quais as pessoas com mobilidade reduzida podem anunciar a sua chegada e requerer assistência.”

Quanto ao decreto-lei n.º 9/2015 de 15 de Janeiro indica como deveres do pessoal, e não como direitos dos passageiros, o dever de prestar auxílio aos passageiros tendo especial atenção com as crianças, pessoas com mobilidade condicionada e os idosos. No n.º 3 do artigo 10.º é feita a referência à existência de lugares cativos para pessoas com mobilidade condicionada. O n.º 5 do artigo 11.º faz referência ao transporte dos cães de assistência nos termos do decreto-lei n.º 74/2007 de 27 de Março. No mais do decreto-lei não é feita qualquer referência aos direitos das pessoas com deficiência ou pessoas com mobilidade reduzida.

Assim, o decreto-lei que surge na esteira do regulamento analisado fica aquém do que seria desejável em matéria dos direitos das pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida. No entanto em caso de lacuna o regulamento, como mencionado, é directamente aplicável e as pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida podem fazer uso dele quer em nome individual quer através de associações representativas, podendo para tal e a título de exemplo indicar às companhias de transporte percursos, paragens e terminais que no seu entender pudessem em condições de segurança garantir um melhor serviço de transporte rodoviário regular. Ajude-nos a fiscalizar, faça chegar à ACAPO o seu caso de violação de direitos ou boas práticas de operadores de transporte”. **LB**

Por decisão pessoal, a autora deste artigo não escreve segundo as regras do novo acordo ortográfico.

